

GT DE FONÉTICA E FONOLOGIA DA ANPOLL: UM BREVE HISTÓRICO

Regina Célia Pagliuchi da Silveira
(PUC/SP)

Os sons da fala humana sempre foram, de alguma forma, preocupação dos estudiosos que se interessavam pela língua, seja do ponto de vista articulatório (os hindus), seja do ponto de vista acústico (os gregos). Essa preocupação é mantida pelos gramáticos da variedade padrão-normativa, pelos filólogos e pelos lingüistas (tanto histórico-comparatistas quanto descritivistas). Todavia, poder-se-ia dizer que, embora os estudos fonéticos sempre tivessem sido realizados, os fonológicos só se consolidam com o estruturalismo lingüístico, tornando-se mesmo os privilegiados, quando a Lingüística se instaura como ciência.

Nesse momento, a tarefa dos lingüistas é a construção de uma gramática da língua a partir de regras finitas, invariáveis e específicas (a língua é vista como uma estrutura **sui generis**). Construir uma gramática dos sons foi um desafio. Os estudos fonéticos, anteriormente realizados, já haviam constatado a multiplicidade da variação sonora. O desafio para os foneticistas da época consiste em tornar em número finito essa variação.

A noção lingüística de fonema decorre da solução apresentada. Este passa a ser visto como um conjunto finito de traços distintivos (articulatórios e/ou acústicos); a descrição de cada fonema é realizada pela comparação de igualdades e diferenças com outros fonemas da língua descrita. Essas descrições são diferenciadas entre si por objetivos e procedimentos específicos e são acompanhadas de explicações que enquadram o segmento silábico, propiciando modelos e teorias distintas, tais como o funcionalismo, o distribucionalismo, o gerativismo. Nessa ocasião, com os resultados obtidos da investigação fonética e fonológica, chegou-se a propor uma tipologia para as línguas humanas, sendo estas classificadas, por exemplo, como línguas de inspiração e de expiração, sendo estas últimas diferenciadas como língua de altura, de intensidade, de duração, etc.

Mais tarde, verifica-se que é necessário considerar não só os fenômenos segmentais, mas também os suprasegmentais, diferenciando-se, no estudo da interação comunicativa, as fonologias lineares das não-lineares. As alternativas são muitas e estas, progressivamente, são formalizadas em modelos e teorias que se confrontam inicialmente

dentro da própria Lingüística e depois também fora dela, na busca da transdisciplinariedade.

Nesse sentido, uma visão histórica dos estudos fonéticos e fonológicos, no Brasil, abarca uma multiplicidade de pontos de vista, ainda que estes, de certa forma, possam ser sintetizados em dois momentos: Fonética e Fonologia como disciplinas lingüísticas, com fronteiras bem demarcadas em relação às demais disciplinas da Lingüística, e a Fonética e a Fonologia em transdisciplinariedade com outras ciências exatas, biológicas e humanas, requerendo, no momento, que seus pesquisadores repensem suas tarefas para a investigação.

A história do GT Fonética e Fonologia da ANPOLL, desde sua criação, reflete essa variabilidade de pontos de vista, resultante da própria tradição da investigação fonética e fonológica dentro da Lingüística e da busca transdisciplinar. Assim, este GT, no momento, reúne pesquisadores e docentes universitários com temática e objetivos diversificados que têm propiciado projetos diferenciados com fundamentações teóricas e metodologias variadas. Essa caracterização é obtida pelos seus membros, após várias discussões realizadas desde o início deste GT até a decisão de que nossas investigações não poderiam estar restritas a um único projeto coletivo.

Para se tratar de uma visão histórica do nosso GT, é interessante considerar que, na década de 70 e parte de 80, no Brasil, os estudos de Fonética e de Fonologia são extremamente prestigiados pela comunidade científica e universitária, propiciando que nossos cursos de graduação e de pós-graduação em Letras e Lingüística contemplassem em seus currículos essas disciplinas.

A justificativa desse fato pode ser dada pelo próprio paradigma estruturalista lingüístico da época: descrição e explicação das línguas pela própria língua. Como os sons são os fenômenos lingüísticos perceptíveis, esses tornam-se um objeto privilegiado da investigação lingüística. Na ocasião, já haviam sido apresentadas várias descrições e explicações dos sistemas fonético e fonológico das línguas naturais, compreendendo línguas conhecidas e desconhecidas pelos investigadores. Essas foram realizadas, privilegiando ora o ponto de vista articulatório, ora o acústico, ora ambos, com o objetivo de tratar dos traços fonético e fonológicos seja pela teoria dos níveis, seja pela dos componentes.

Progressivamente, as alternativas apresentadas ao paradigma estruturalista proliferam e entende-se, então, que é necessário considerar o texto e o discurso para os estudos da linguagem humana. Assim, no Brasil, embora as descrições e explicações não houvessem sido completadas para a língua portuguesa, na década de 80, os fenômenos lingüísticos fonéticos e fonológicos passam a ser considerados num segundo plano para as investigações e a maioria de nossos cursos de graduação e pós-graduação deixam de dar um tratamento específico para essas duas disciplinas.

É nesse momento que a ANPOLL surge e com ela o GT de Fonética e Fonologia. Embora as investigações na área não fossem privilegiadas, a criação deste GT

deve-se, talvez, à tradição de pesquisas sobre os fenômenos fonético-fonológicos em toda a história dos estudos das línguas; por isso, naquela ocasião, o nosso GT conta com um número reduzido de membros e é impulsionado pelo Dr. Jean Pierre Angenot (UFSC).

Durante a sua coordenação, o Dr. Angenot tenta fortalecer o grupo e adota duas políticas distintas, em momentos diferentes, decorrentes da própria política traçada na e pela ANPOLL.

A primeira pode ser apresentada pelo objetivo de contacto e de relacionamento com os estudiosos brasileiros da área, buscando ampliar o número de seus membros. Em 1986, os resultados obtidos propiciam que o nosso GT chegasse a ser caracterizado por 126 membros, situados em diferentes universidades brasileiras, com investigações diversificadas. Foi feito, também, um levantamento das publicações nacionais sobre Fonética e Fonologia, em bibliotecas institucionais e mesmo particulares brasileiras, objetivando a constituição de um banco de dados nacional; este confirma a diversidade de fundamentações teóricas e de interesses para as investigações, refletindo, assim, as diferentes alternativas apresentadas ao paradigma lingüístico em vigor.

Com essa primeira política, o nosso GT passa a objetivar um debate fecundo entre os estudiosos de Fonética e Fonologia, respeitando os diferentes pontos de vista para a investigação dos sons e dos fonemas. Como se sabe, durante algum tempo, a fonologia gerativa havia sido privilegiada em algumas universidades brasileiras de prestígio; mas, após, as insatisfações começam a aparecer, sendo, depois, ampliadas. Conclui-se que apenas as regras invariáveis de componentes gramaticais não dão conta de explicar a multiplicidade de razões das variações sonoras, assim como os sons e os fonemas não podem mais ser tratados por níveis estanques. Aparecem propostas de se recorrer a outras hierarquias, ultrapassando-se o segmento silábico. Aparecem, assim, as Fonologias pós-gerativas com os modelos Natural, Métrico, Auto-segmental e Lexical. Entende-se, então, que discutir as insatisfações com os membros do nosso GT propiciaria o aparecimento de outros programas e projetos conjuntos.

Mais tarde, em 87, uma segunda política é implantada pelo Dr. Angenot para o funcionamento do GT de Fonética e Fonologia: os membros do GT estariam reunidos para o desenvolvimento de um único projeto de investigação. O primeiro projeto integrado de pesquisa foi. "A informática aplicada à Fonética e Fonologia experimental: variação Fonoestilística do português". Com o propósito de identificar um sistema microinformatizado, foram propostas análises de processos fonoestilísticos do português do Brasil e de Portugal, nas suas variações dialetais, socioletais e ideoletais, sendo os resultados obtidos interpretados sob o prisma teórico da Fonologia Natural e da Fonética Experimental. Esse projeto reunia quatro sub-projetos, a saber: 1. os processos de fortalecimento das vogais tônicas na fala enfática; 2. os processos de enfraquecimento das

vogais átonas na fala casual; 3. os processos rítmicos (silábico e/ou acentual) do português; e, 4. os processos característicos do tatibitate e do maternalês.

Essa segunda política resulta, na ocasião, de discussões entre os membros da ANPOLL a respeito do papel desta associação na comunidade científica brasileira, concluindo que os encontros científicos da ANPOLL não deveriam ser um fórum de apresentação de trabalhos tal qual o de um congresso nacional e internacional. Com a proposta e a tentativa de desenvolvimento do primeiro projeto integrado, o GT de Fonética e Fonologia teve redução no número de seus membros devido ao desinteresse causado pela especificidade da investigação e a maioria dos antigos membros deixa de colaborar.

Foi proposto, então, um novo projeto defendendo a hipótese do nostrático para a explicação monogenética das línguas. Nesse momento, uma das maiores contribuições foi dada pelas pesquisas realizadas por Alexandra Y. Aikhenvald, recém-chegada ao Brasil, vinda da Universidade de Moscou. As atenções estão dirigidas para os estudos fonéticos e fonológicos de línguas indígenas brasileiras, buscando nelas a adequação da hipótese do nostrático, com uma visão paleolinguística. Também, nessa ocasião, a maioria dos estudiosos nacionais dos sons e dos fonemas não se interessou pelo referido projeto e continuou suas investigações de forma isolada.

Em 1990, sob a coordenação da Dr^a. Regina Célia Pagliuchi da Silveira (PUC/SP), o GT de Fonética e Fonologia assume uma nova política de atuação de pesquisa para os seus membros. Após uma série de contatos com os atuais e antigos membros deste GT, foi possível uma reflexão conjunta e a decisão de que há necessidade de se respeitar a diversidade de interesses para a investigação, sem haver o privilégio de uma ideologia científica, mesmo porque os interesses para a investigação dos sons e dos fonemas, no momento, estão voltados para a transdisciplinaridade no enquadramento de pesquisas, no traçado de objetivos e na seleção de metodologias e de fundamentações teóricas. Nesse sentido, chegou-se à conclusão conjunta de que nosso GT não poderia ser identificado por um único projeto em desenvolvimento, mas pela tradição de pesquisa de seus membros, respeitando-se, também, os novos interesses para a investigação. Avaliando essa tomada de posição, os membros deste GT concluíram que seus encontros não propiciariam identidade com um fórum de exposição e debates de congressos científicos nacionais e internacionais, pois estes são convocados e realizados por grupos e associações de especialistas em Linguística e aqueles reuniriam especialistas professores e pesquisadores de várias ciências, interessados em sons e fonemas. Os encontros científicos dos membros do GT Fonética e Fonologia seriam, então, caracterizados pela exposição e discussão transdisciplinar de resultados obtidos por especialistas de diferentes cursos de pós-graduação e graduação nacionais, contribuindo assim para o desenvolvimento da pesquisa fonética e fonológica nos programas de pós-graduação em Letras e Linguística.



A partir de 90, nosso GT passa a ser identificado por linhas de pesquisa traçadas a partir de efetivas investigações que estavam sendo realizadas por pesquisadores e por professores/alunos de diferentes programas de pós-graduação de universidades brasileiras.

Assim, no momento, as linhas de pesquisa que caracterizam nosso GT são as seguintes: Fonética/Fonologia e a descrição/explicação de línguas naturais; Fonética/Fonologia e o ensino de línguas (materna e estrangeiras); Fonética e Fonologia diacrônicas; e Fonética/Fonologia e áreas inter e transdisciplinares.

Em 94, vários projetos vinculados a essas linhas de pesquisa estão em desenvolvimento ou já foram concluídos.

Para a linha de pesquisa Fonética/Fonologia e a descrição/explicação de línguas naturais, há os seguintes enquadramentos: pesquisas radiocinematográficas aplicadas aos sons do português; descrição fonético-fonológica funcional da língua portuguesa; a palatografia na descrição do português; descrição fonético/fonológica impressiva e a descrição fonética eletro-acústica de sons lingüísticos.

Para a linha de pesquisa Fonética/Fonologia e o ensino de línguas (materna e estrangeiras), são tratados fenômenos segmentais e suprasegmentais para o ensino do português, do espanhol, do francês, do inglês e do alemão; então, para este ensino vêm sendo considerados tanto os fenômenos fonéticos e fonológicos a partir de hierarquias lingüísticas e fenômenos paralingüísticos como métodos e práticas pedagógicas, discutindo-se uma visão genérica do ensino de línguas em confronto com uma abordagem instrumental, direcionada ao tratamento das reais dificuldades articulatório-acústicas existentes para os alunos de língua materna e de línguas estrangeiras.

Para a linha de pesquisa Fonética e Fonologia diacrônicas, as investigações buscam a reconstrução do crioulo português do século XVI, a naturalidade fonológica na reconstrução de línguas, a reconstrução de línguas sob o prisma da paleofonologia pela hipótese do nostrático.

Para a linha de pesquisa Fonética/Fonologia e áreas interdisciplinares, vêm sendo investigadas diferentes questões tais como o papel da fonética e da Fonologia nos estudos de distúrbio da comunicação; a fonética e fonologia na alfabetização; a fonética e a fonologia na elaboração de atlas lingüísticos de regiões brasileiras; a importância da fonética e da fonologia no estudo de línguas indígenas nacionais; e, o estudo de fenômenos suprasegmentais textuais-discursivos em suas funções interativo-comunicativas.

Já na transdisciplinaridade, atualmente, o GT de Fonética e Fonologia reúne lingüistas interdisciplinares e também especialistas de áreas afins, tais como: médicos otorrinolaringologistas, fonoaudiólogos, engenheiros eletro-eletrônicos, educadores, psicólogos cognitivistas e sociais, além de sociólogos.

Diferentes resultados de pesquisa já foram apresentados e as contribuições dadas têm sido fecundas. A título de exemplificação, sem o desprestígio de outros resultados, são

citados apenas alguns que foram obtidos por membros que participam do grupo há algum tempo e com constância: a descrição da norma culta do português do Rio de Janeiro, pela radiocinematografia (M. da Matta Machado- UFF); a descrição do português pela palatografia (E. J. Casaes-USP); a descrição funcional da fonética e da fonologia portuguesa (R. E. Hoyos-Andrade-UNESP-ASSIS); Fonética e Fonologia numa visão interdisciplinar para o ensino da gramática do padrão normativo do português (R. C. P. da Silveira-PUC/SP e S. I. C. C. de Vasconcelos-UEM); Fonética e Fonologia no ensino de língua espanhola (R. E. Hoyos-Andrade-UNESP-ASSIS); Fonética e Fonologia no ensino do francês (N. Hochgreb-USP); Fonética e Fonologia no ensino do Inglês (C.A.Dixo-PUC/SP); Fonética/Fonologia e a alfabetização (B. Abaurre-UNICAMP); a Fonética na história da Gramática Portuguesa (L. C. Cagliari-UNICAMP); Fonética/Fonologia e a hipótese do nostrático (A. Y. Aykhenvald-UFSC e colaboradores); processos fonológicos na aquisição da linguagem pela criança (pesquisadores da UNB e da USP); processos fonológicos do português na criolização (H. H. do Couto-UNB); o ritmo no português (Gl. Marcini-Cagliari-UNICAMP); a prosódia portuguesa (S. Madureira-PUC/SP); A alternância vocálica na conjugação verbal do português (J. O. Magalhães-UF de Uberl.) Fonética/Fonologia e grafemática portuguesa (L. T. Martins-UF do Rio Grande); Fonética na elaboração de Atlas lingüísticos de regiões brasileiras (M. S. Aragão-UFPb e V. de A. Aguilera-UEL); a Fonética na gramática do português oral (J. A. Morais-UFRJ); e, Fonética de síntese/reconhecimento de sons do português (E. J. Casaes e outros colaboradores-USP).

Hoje, com a inter e transdisciplinaridade, temos verificado um ressurgimento de interesses para a investigação dos sons e dos fonemas. No momento, contamos com 62 membros, vinculados às seguintes universidades brasileiras: São Paulo - USP, PUC-SP, UNICAMP e UNESP (Campus de Assis e de Araraquara); Rio de Janeiro - UFRJ, UFF; Paraná - UFPa, UEM, UEL; Santa Catarina - UFSC e UNIVILLE; Rio Grande do Sul - UFRGS, PUC-RS, UF-Rio Grande; Minas Gerais - UFMG, UFUB; Distrito Federal - UNB; Bahia - UFBa; Paraíba - UFPb; Ceará - UFCe; Amazonas - UFM; Mato Grosso do Norte - UFMT-Rondonópolis; Pará - UFB. Novos membros são admitidos quando integrados em grupos que desenvolvem projetos nas linhas de pesquisa do GT; estas poderão ser reformuladas, dependendo dos reais interesses do grupo. Um membro atual poderá ser desligado pela não apresentação de trabalho em duas reuniões consecutivas e será readmitido mediante a apresentação de um projeto.

Em nosso futuro encontro está programada a iniciação de discussões da identidade da Fonética e da Fonologia, pois com a transdisciplinaridade faz-se necessário repensar as tarefas dos pesquisadores da área e redefinir o objeto de investigação.